

“Melancolia e novas formas de sofrimento”

Sonia Cavallini de Sá Freire Moreira Maia

RESUMO

Este ensaio pretende uma reflexão sobre certos impasses da clínica psicanalítica entendidos como *novas formas de sofrimento* lançando um olhar sobre a relação transferencial que possibilite o transbordamento de afetos que não encontram outros meios de expressão diferentes dos masoquismos.

Privilegiando a metapsicologia da melancolia e tomando estas *novas* subjetividades como as neuroses narcísicas freudianas, vemos sua manifestação nas depressões com luto eterno, na baixa auto-estima, no vazio inconsistente da imagem de si, na forte referência ao corpo como veiculador de limites espaciais e principalmente na impossibilidade de qualquer projeto de vida mediado num planejamento temporal.

PALAVRAS-CHAVE: melancolia, transferência, narcisismo, afetos, criança.

DESENVOLVIMENTO TEÓRICO

No Rascunho G (1895) Freud nos fala que “o afeto correspondente à melancolia é o luto”(1); explica a melancolia em termos neurológicos e em 1897 no Rascunho N aborda psicologicamente o assunto antecipando o complexo de Édipo (2). Nas “Observações Finais” do artigo de 1910 na Sociedade Psicanalítica de Viena ele se questionava sobre o que combateria a pulsão de vida tão categoricamente, ainda vendo sem solução a problemática psicológica em jogo (3). Ainda em 1910, no estudo de Leonardo, Freud menciona a lenda

de Narciso, jovem que preferia sua própria imagem a qualquer outra (4) e justifica com isso o homossexualismo como tipo de “**escolha narcísica**” de objeto.

Em 1911 com a análise de Shreber faz um avanço estruturando o narcisismo como parte fundamental da história libidinal do sujeito. Cita: “Pesquisas recentes dirigem nossa atenção para um estágio do desenvolvimento da libido entre o auto-erotismo e o amor objetal. Este estágio recebeu o nome de narcisismo”. (15) Em 1914 publica: “Sobre o narcisismo: uma introdução”.

Neste texto temos como mais relevante a “**nova ação psíquica**” que unificaria a afetação pulsional auto-erótica dirigindo-a para uma unificação egóica (6). O corpo erógeno freudiano deve ser entendido na especificidade dos estímulos que evocam sensações prazerosas – as zonas erógenas (7) estão em qualquer parte do corpo e portanto são ligadas ao fragmentário e incompleto, tal como a análise da sexualidade infantil leva Freud a descobrir. Aquilo que promoveria a unificação pulsional seria o narcisismo, a nova ação psíquica, que pode ser entendida como um processo introjetivo. Esta unificação é possível ser pensada pelo movimento megalômico da libido de juntar tudo, incluir. O conceito de introjeção era pensado na mesma época que Freud por Ferenczi (8) quando ele fala do movimento inclusivo que o neurótico faz em sua esfera de interesses.

Temos então as pulsões sexuais se unindo narcisicamente na constituição de um objeto – o eu – que é formado segundo o modelo percebido desse objeto. Veremos o melancólico apresentar uma falha neste momento inaugural que funda o sujeito desejante através do olhar do outro, a mãe enquanto função nessa hora. Quando vemos a atitude dos pais com seus filhos, nela

reconhecemos a atualização de seu próprio narcisismo abandonado no passado. Querem dar à criança toda sorte que não tiveram na vida – “Sua Majestade o Bebê” (9).

Vemos o eu narcísico da criança vir da ilusão de uma completude, alicerçado fantasmaticamente num objeto que portaria consigo a plenitude perdida. O eu imaginário infantil se inicia com a fantasmática dos pais projetada no filho – é inventado na criança um modelo tal qual o dos pais, de onipotência e completude.

Freud nos ensina que o homem se apóia em suas instâncias ideais – eu ideal e ideal do eu – para suportar a posição de “**castrado**”. Se virmos o eu ideal erguido a partir do narcisismo paterno projetado na criança e se pensarmos numa suposta “**falha**” do olhar materno neste momento fundante, podemos hipotetizar a gênese da melancolia numa identificação ao nada feita pela criança através do olhar materno que a ultrapassaria neste instante. Tal é a hipótese de Marie Claude Lambotte que gostaríamos de apoiar neste instante (10).

O enfoque é de uma certa falha no que diz respeito à articulação das categorias do real, simbólico e imaginário para a metapsicologia da melancolia. A constituição narcísica do sujeito diz respeito ao investimento da imagem especular. Este investimento é função da entrada do sujeito no campo do desejo, campo este aberto pelo olhar do Outro. A imagem especular nos mostra uma montagem artificial que permite aos traços reais e imaginários contribuir para a formação de um modelo ideal próprio ao sujeito. Este modelo ideal vem ao sujeito da posição de outrem que, no simbólico, dá à imagem moldura de reconhecimento.

Real, simbólico e imaginário interagem para que o sujeito chegue a constituir-se psiquicamente. Tentaremos analisar o que acontece com o sujeito melancólico que parece tender a quebrar os laços dessas três categorias.

Gostaríamos de refletir sobre um certo “sentimento de violação” de si próprio que faz o melancólico duvidar de seus limites corporais confundindo dentro e fora, colocando a função materna (Outro) numa certa posição que parece caber para tais sujeitos.

Esta “função materna” parece ter o desejo de conservar uma imagem ideal que a faz identificar-se com a vida do filho, privando-o de seu referencial narcísico. Há um desvio (para a mãe) entre a imagem que tem de si mesma e a que lhe dá o espelho – a imagem real é desviada da imagem virtual e este desvio denuncia as modificações temporais que não se podem evitar. A mãe do melancólico realizaria uma denegação do tempo e isto viria para ele na forma de uma suspensão temporal. Nosso sujeito fica suspenso num negativismo que o faz rejeitar qualquer investimento pois teme o efeito de catástrofe cuja origem perdeu.

O sujeito melancólico foi despossuído da moldura narcísica que lhe garantiria os limites transgeracionais; no lugar dessa moldura temos o desejo materno, que é o de manter uma imagem ideal onde se identifica à vida do filho. Resta a este a defesa no negar compulsivo, no rechaço, na expulsão.

Se , exemplificando, pensarmos numa criança que não pode dar nada à mãe sem que seja criticada em nome de um ideal que a coloque em profunda decepção, vemos que, pelo ideal, a espera da criança quebrou-se e o desejo desvaneceu na evocação desse ideal que não lhe pertence e ainda a torna

impotente. A satisfação narcísica de um poder que lhe asseguraria o prazer oferecido à mãe e lhe retornaria de forma tranquilizadora, é perdido.

A criança, objeto que entra no campo desejante da mãe e por “certos riscos” que corre vem a desaparecer, que estatuto teria?

Para responder esta questão, a de que natureza e estatuto teria o objeto melancólico, articularemos as questões que parecem pertinentes.

Voltando à problemática narcísica, podemos colocar o melancólico vendo sua imagem refletir-se numa linha de fuga sem acesso a qualquer opacidade. Ele é transparente a si mesmo – o primeiro olhar só o teria atravessado.

Sabemos que a função do investimento especular situa-se na dialética narcísica freudiana. A passagem do auto-erotismo ao narcisismo, da mesma forma que o desdobramento do narcisismo sob o novo eu-ideal, afirma a referência ao ideal-do-eu (Outro enquanto função materna) como a função necessária à identificação especular do sujeito bem como a reivindicação de sua identidade posterior.

Lacan interroga o que se passa no esquema do buquê invertido se fizermos o espelho (representante da posição do Outro) realizar uma rotação de 90°: o sujeito rotaciona 180° e vai para atrás do espelho onde poderá descobrir a montagem da ilusão. O sujeito fica em posição de ver a imagem real do vaso invertido que só vira virtualmente e assim sabe de todo efeito ilusório que reveste as imagens. Desta verdade se apossa o melancólico. Lacan cita:

“...nesse percurso, a ilusão está fadada a enfraquecer com a busca que ela guia: onde se confirma que os efeitos de despersonalização constatados na análise, sob aspectos diversamente distintos, devem ser considerados menos como sinais de limite do que como sinais de travessia” (11).

Pela técnica analítica, onde Lacan faz o lugar do analista dizer respeito ao Outro, o sujeito pode libertar-se dessa relação imaginária alienada ao outro para aproximar-se do *ideal-do-eu*, sem perder sua imagem própria, seu *eu-ideal*, que o analisando vem perceber no reflexo do olhar do Outro, este último sem o poder hipnótico de antes.

Atrás do espelho o sujeito descobre o logro de que era objeto; vê a inconsistência de uma imagem que um artifício simples coloca na realidade. Lacan insiste no fato de que a coincidência da imagem com um objeto real a reforça, dá-lhe corpo e encarnação – imaginário e real jogam no mesmo nível:

“Chama-se investimento libidinal aquilo através de que um objeto se torna desejável, quer dizer, aquilo através de que se confunde com essa imagem que levamos em nós, diversamente e mais ou menos estruturada” (12).

Os objetos exteriores são recobertos por nós pela relação entre o imaginário e o real – podemos assim pensar no caso onde a representação imaginária ultrapassa o impacto do objeto recobrindo-o sem levar em conta suas modalidades próprias.

Em Luto e Melancolia Freud sublinha a contradição que há na relação onde temos forte fixação objetual e fraco investimento, explicando-a pela escolha narcísica de objeto – substituir o investimento amoroso pela identificação narcísica. Fala:

“Essa substituição da identificação pelo amor objetual constitui importante mecanismo nas afecções narcísicas”(13).

O melancólico parece projetar no objeto os traços do modelo ideal (a ele exteriores) aos quais não renunciou, sob pena de um desabamento espacial. É

portanto correndo o risco de alucinar esse modelo ideal no outro, que o melancólico se expõe, o que o leva a tomar o objeto como seu ideal.

Refletindo sobre a distinção lacaniana entre a imagem virtual do espelho e a imagem real do corpo, vemos que a psicanálise contradiz a noção de um corpo conhecido intimamente, colocando em seu lugar uma imagem real, que nos dá uma representação do corpo próprio diferente da imagem virtual. Essa experiência remete-nos à dinâmica imaginária e portanto à organização narcísica do sujeito, onde, temos a formação e experimentação de imagens.

Nosso melancólico, tendo um modelo ideal que apropriou-se de seus traços e é sua referência (Outro), projeta-o no objeto para apoderar-se dos traços de outrem tal como o ideal tomou os seus. Esta projeção protege o sujeito de ser sugado pelo “buraco psíquico” do qual Freud fala no Rascunho G de 07/01/1895. Diz:

“...podemos imaginar que, se o ps. G se defronta com uma grande perda da quantidade de sua excitação, pode acontecer uma retração para dentro (por assim dizer) na esfera psíquica, que produz um efeito de sucção sobre as qualidades de excitação contíguas” (14).

Supomos que no melancólico temos uma “falta” de imaginário, tal como Freud fala em “Sobre o Narcisismo: uma introdução” no sentido de não poder recorrer à fantasia quando a libido refluí para o eu – essa libido é assim “aspirada” pelo buraco psíquico. Podemos concluir que a despersonalização melancólica nos guia a uma estruturação especular falha onde os efeitos projetivos revelam a onipotência de um modelo ideal às expensas de uma imagem própria quase inexistente. Devemos pensar intersubjetivamente – uma troca onde o desejo de

um permite que o desejo do outro emergja e, mesmo por isso, que se faça a identificação inconsciente da imagem própria.

Assim, para explicar o fato do melancólico se assujeitar aos traços de outrem e desconhecer sua imagem própria, recorreremos a construção fictícia das primeiras relações imaginárias e simbólicas que presidiram ao desenvolvimento do eu.

Quando falamos das primeiras relações imaginárias e simbólicas gostaríamos de pensar na questão do olhar – pela falta de um olhar materno (Outro) que colocaria nosso melancólico numa troca libidinal abrindo-lhe o campo do desejo, ele se vê suspenso, não podendo identificar-se própria imagem especular.

Imerso na impossibilidade do afastamento de um olhar vazio que atravessara o melancólico numa primeira vez, ele tenta dar forma ao nada que o habita. Lacan responde às questões que visam ao olhar pela função do *objeto a*, não como o substituto deste ou daquele objeto, mas como a função que dá conta da insatisfação e da incompletude.

Podemos questionar a posição do sujeito melancólico em relação ao *objeto a*. Sendo este último o “objeto causa do desejo”, não seria por orientação dele mesmo que o melancólico volta-se para trás do espelho, invertendo o significado da relação com o objeto e evocando um lugar antes mesmo do advento do eu, no nada onde se vê identificado?

No movimento narcísico, que vem para dar conta da castração e não difere da introjeção tal como trata Ferenczi, temos portanto a constituição de nosso eu “imaginário” – e é a ele que recorreremos quando ameaçados; precisamos dessa **ilusão**, fantasmagoria de passado completo e futuro

possível, para suportarmos neuroticamente nossa existência. Na melancolia este aparato ideal parece não funcionar – o eu não tem ali sua função cumprida na sustentação da representação do corpo no tempo – ela falha, vem a angústia sem fim e a certeza do saber de toda a montagem ilusória da identidade.

Esta mobilidade temporal que nos conduz do presente ao passado e ao futuro, nos leva a diferenciação da identificação histérica da melancólica – aquela porta um eu constituído de um precipitado de identificações onde os movimentos libidinais evidenciam o desejo do objeto e a última tem um eu formado por algo da ordem de uma relação objetal única onde o objeto não deseja, mimetiza-se no sujeito, concreto, absoluto, sem falhas.

Em “Luto e Melancolia” Freud fala que “a sombra do objeto caiu sobre o ego” (15). Diz dessa relação objetal única onde o luto se impossibilita contrapondo uma relação objetal que, por traços, vai evidenciando o mundo externo e libertando o eu. Em “O Ego e o Id” Freud supõe que na melancolia o objeto perdido é recolocado no eu, que a catexia objetal foi substituída por uma identificação; fala que na fase oral catexia objetal e identificação são indistinguíveis e que se há abandono de objeto o eu se altera de modo ao objeto nele instalar-se – “Pode ser” uma introjeção, diz Freud, espécie de regressão ao mecanismo oral (16).

Abraham e Torok podem auxiliar nessa reflexão – seria uma **introjeção** ou uma **incorporação** que caracteriza a melancolia? (17)

Quando procuramos compreender com Ferenczi o mecanismo da traumatogênese (18) vemos que o traumatismo pode advir de um choque entre a criança e o adulto. No texto “Confusão de língua entre os adultos e a criança”

(19) o autor explica que a criança movida pela **linguagem da ternura** pode assumir um jogo com o adulto que tem para ela um tom lúdico e para o adulto, possuído pela **linguagem da paixão**, será da ordem de uma prática sexual **como se** a criança fosse madura para tanto. Resulta dessa confusão de línguas que a criança apavorada obedece ao adulto agressor e identifica-se com ele introjetando seu sentimento de culpa. Para isso ela faz uso dos componentes masoquistas passivos da pulsão, tentando **ligar** aquilo que se rompeu. Torok hipotetiza que a identificação com o agressor seja vista como mecanismo incorporativo e não introjetivo.

Acompanhando Lambotte quando fala da questão metapsicológica da origem da melancolia (20), podemos ver o sujeito na fase do espelho (1º tempo do Édipo lacaniano), como buscando desejo de desejo, poder (ou não) satisfazer o desejo da mãe, ser (ou não) objeto de desejo dela. E, por faltar a essa função materna um **certo olhar** indutor de trocas libidinais que abriria o campo desejante da criança, temos nosso melancólico não podendo precipitar-se na identificação à essa imagem especular; essa função teria como ideal uma super-potência cujo sujeito, não podendo cumprir tal exigência, vê-se comparado ao “**nada**”. Winnicott foi um autor que preocupou-se com o ambiente externo ao bebê; a **mãe** seria o ego auxiliar, mediando o mundo para a criança e organizando seu aparato pulsional (21).

Supomos, junto com Lambotte, que o negativismo melancólico vem em resposta a este meio hostil e que o mecanismo de compulsão negativista aproxima-se à pulsão de morte, num comportamento que escapa ao domínio do sujeito.

Daniel Stern, ao estudar os “afetos de vitalidade” (22) nos coloca próximos do que o bebê experimenta no início da vida e que permanecem em nós para sempre. Pensar nesta categoria nos permite a compreensão do que está em jogo na transferência, principalmente nas neuroses narcísicas e é anterior ao que podemos rememorar – só podemos *sentir*. Usando este conhecimento no manejo transferencial podemos permitir modos de expressão que não conseguem outros meios para serem entendidos pelo sujeito.

Em “Reflexões sobre o trauma” Ferenczi avalia as reações ao trauma como a desorientação vinda da autodestruição (23). A percepção, impedida de captar o ruim, diminui o sofrimento daí o rechaço a qualquer investimento externo que o melancólico apresenta; ele não corre o risco de decepcionar-se com uma perda que já sabe de antemão que não dominará. Além disso, “é sempre assim”...

Referências bibliográficas

1. Freud, “Publicações Psicanalíticas e Esboços Inéditos”, pág 276, vol. I.
2. Freud, idem, pág 344, vol. I.
3. Freud, “Contribuições pra uma discussão acerca do suicídio”, pág 218, vol. XI.
4. Freud, idem, pág 92, vol XI.
5. Freud, “O caso Schreber”, pág 82/83, vol XII.
6. Freud, “Sobre o Narcisismo: uma introdução”, pág 93, vol XIV.
7. Freud, “A Interpretação dos Sonhos”, pág 84, vol I.
8. Ferenczi, “Transferência e Introjeção”, pág 108, vol XIV.
9. Freud, “Sobre o Narcisismo: uma introdução”, pág 108, vol XIV.
10. Lambotte, “O discurso melancólico”, cap XII.
11. Lacan, “Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: Psicanálise e estrutura da personalidade”, in Escritos, pág 687.
12. Lacan, “Ideal do eu e eu-ideal”, cap XI, Seminário I, pág 165.
13. Freud, “Luto e Melancolia”, vol XIV, pág 282.
14. Freud, “Rascunho G”, vol I, pág 281.
15. Freud, “Luto e Melancolia”, pág 281, vol XIV.
16. Freud, “O Ego e o Id”, pág 41, vol XIX.
17. N. Abraham e M. Torok, “A Casca e o Núcleo”, cap IV, pág 243 e segs.
18. Ferenczi, “Análise de crianças com adultos”, vol IV.
19. Ferenczi, “Confusão de língua entre os adultos e a criança”, vol IV.
20. Lambotte, “O discurso melancólico”, pág 292.
21. Winnicott, “O desenvolvimento da capacidade de se preocupar” e “Teoria do Relacionamento paterno-infantil”.

22. Stern, “O mundo interpessoal do bebê”, pág 47 e segs.
23. Ferenczi, “Reflexões sobre o trauma”, pág 111, vol IV.

BIBLIOGRAFIA

- ABRAHAM, N., TOROK, M.: “A casca e o núcleo”, SP Ed Escuta, 1995.
- FERENCZI, S. Obras Completas, Sp, Martins Fontes, 1992.
- FREUD, S. ESB das Obras Completas de S. Freud, Imago, 1969.
- LACAN, J. “Os escritos técnicos de Freud”, Livro I , Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed.
- LACAN, J. “Escritos”, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1998.
- LAMBOTTE, M.C. “O discurso melancólico”, RJ, Companhia de Freud, 1997.
- STERN, D. “O mundo interpessoal do bebê”, Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.
- WINNICOTT, D.W. “O ambiente e os processos de maturação”, Porto Alegre, Artes Médicas, 1982